



Arrastar um Landau Debaixo D'água

Ney Ferraz Paiva ⁱ



Fotografia de Jean Baudrillard

PARA ACABAR COM AS MINHAS FADIGAS

Apolo Poseidon Hermes volto a escrever-vos
(espero não ser o mesmo que importuná-los)
gostaria que vocês dessem uma olhada em algum dos meus novos poemas
que não fossem tão duros quanto os críticos contemporâneos costumam ser
fechados & sem nenhum afeto causando-nos muitos danos
a ponto de se tornarem rivais
sei que posso confiar em vós
que o outono tenha chegado
as naus voem o soturno céu
passo por tormentas ainda piores & resolvi aparecer de novo
para que o idílio não se arruíne

QUEM NÃO PUDER LER PODE SENTIR O CLIMA

não sei grego apenas comprei a Odisseia de bolso
que o Caio Fernando Abreu recomendou na Folha
não sei se ele sabia isso é outra coisa que não sei
se ele era um bom classicista mas não deveria ser
tem coisas que a gente escreve apenas pensando
no bolso não nas técnicas de versificação do novo
no cortejo não no cotejo na alma vendida ao diabo
não no coração nos infames critérios de relevância

CORTAR COISAS

poema é cama para transportar alguém ferido ou
morto sei bem disso Senhora Bondade
sei bem disso Senhora Consolação
arte pode ser velha e ter algo de extrema violência e revolta
arte pode ser nova e ser na verdade um caixão
Senhora Beleza Engessada voz desagradável de mulher à beira da morte
rogai pela carne crua da noite quebrai meus ossos ao amanhecer

SEMPRE FUI LOUISE BOURGEOIS

quando meu pai morreu
emprestei a ele minha
melhor camisa abrimos
a casa deixamos entrar
o ar depois lançamos
suas cinzas no Danúbio
toda ocasião gostava de
lugares fechados até sua
morte nunca o contrariamos

N. F. P. AMANTE DE MÁRIO FAUSTINO

meu relacionamento com Mário Faustino
não incluía poesia mas caos amor susto
para mim ele nunca foi um grande poeta
não conheci coisa alguma de sua autoria
Mário Faustino foi meu grande amante
ele jamais se modificou para ser outro
chegava com toda a força – isso sim era poesia
meu ouvido atento & louco num fôlego pôde ler
tempestuosa corte: sobre meu ombro afundava
destroços da dor entre dois homens & sua hora

FIM DE SEMANA EM PASÁRGADA

sexta-feira Manuel Bandeira toma todas
só pára domingo – tanto quanto se pára
o vício o feitiço a doença
deixado sem mais nada
cingido do modesto vulto
na segunda vai às aulas
museus saraus & missas
na sexta retorna às putas

EU PENSO O POEMA COM VOCÊ

de dentro da chuva viajo a Pernambuco
meto a perna pelos pés nessa distância
que há entre nós dois Cavaleiro Negro
sentado em falso na pedra cavalo que
passa raspando & de fino no abismo
desbaratado caído da linha do poema
daí avistas o mar? te perdes de vista?
com sede entre palavras me esperas?
ou é mera coincidência não estais nem
aí? saiba que por ti escrevo estes mal
traçados versos rabiscos quase nada
que se leve à sério confrontados à pedra
pouco parecem contigo de tão almejado
quem sabe um dia consigo me esmero
assisto aulas com Valéry ou Mallarmé
repudio Gaudí vou visitar contigo ermos
cemitérios anotar segredos pesadelos
não escreverei mais sem o teu consen-
timento seja a mim dado a graça inútil do
deserto lâmina que consideras a melhor

IMAGEM DO VELHO POETA QUE SE EXERCITA COM PESO DE PEDRAS DO MUSEU DE OLYMPIA

tenho fumado uns cigarros um pouco de
tabaco faz eu me sentir menos esquisito
sem cigarro não consigo escrever aquele
prefácio nem consigo fazer a barba ficar
bonito tenho uns amigos que sem fumar
conseguem ser bons poetas em Curitiba
em Belém não consigo escrever uma linha
tenho uma filha que só lê Dostoiévski
sem cigarro eu não consigo ter influências
tenho rixas detratores maus antecedentes
não sou terno com plantas gatos crianças
nem mesmo eu me suporto gosto de mim
que posso fazer sem cigarro me desgasto
faço mais concessão plágio gato & sapato
poeta insignificante rindo à-toa vive caindo
tropeçando nas etiquetas comuns da língua
aí é que são elas eu não consigo a memória
despedaça até mínimos trechos da Odisseia
tenho agora cinquenta anos sou de 15 de
outubro Rimbaud de 20 já te aviso ele fica
belo forte tranquilo sem cigarro não consigo

LIVRO DE QUE NÃO ME LIVRO*A teus pés Ana Cristina Cesar*

ainda leio o livro dela
passados tantos anos
podem ver a boa forma
não há nada enrugado
levado ao desencontro
encoberto pela sombra
viro a página não é um depósito
cada vez mais insalubre
dos resíduos do suicídio
ou das relíquias do espontâneo
de algum outro lugar ela retorna
se entrega ovelha negra
corpo adentro & afora
o ar de desafio no rosto
irmã de um lado mulher fatal do outro
reversível inversa à beira do silêncio

29 DE OUTUBRO HÁ 30 ANOS

nem chovia nem nada você se matou
dizem que você pulou a janela do 7º
ou do 13º andar ninguém mais sabe
você disse pro Armando que estava
emparedada mas quem não estava?
morrer não tem explicação morre-se
mais nada inclusive pro seu bem
você não estava enganada ao dar
esse vexame sem tamanho: fugir
nem chovia nem nada você não
quis saber não lia a meteorologia
sem nenhuma nuance eufemística
pra poesia o clima não estava bom
mas a questão posta não era essa
você insinuava mais que mostrava
redemoinhos da vida se alastram
todos os horizontes ficam longe
fendem abalam apodrecem
trevas fúnebres de todo dia
corroeram até mesmo você
mais silenciosa mais opaca
permanece consigo mesma
saudosos ainda estamos

AS FOTOS DELA

vi as fotos dela
não tinha ideia
do que acontece
à pessoa que se
joga dum prédio

a pele desaparece
reprimida no solo
único longo seco
golpe de martelo

um verso pra lua
amortece a queda?
folhas murmúrios
de cães na praça?

a face se esquiva
de ir ao inferno?
a face se desvia
à faca ao arpão?

do ouvido o vento
marinho e da boca
versos de paixão

vi as fotos dela
nem o sol brando
amortece a queda

PARA UM RETRATO DE MAX MARTINS

encerrar uma cena sem o último aceno
ir uma vez mais à transfiguração do mar
ao dentista de ônibus contestar a beleza
passageiro sem receio de afrontar trovões
ao bar para errar mais do que beber-fumar
dentes fumados hálito impiedoso de envenenar
deixar a carcaça do senso comum apodrecer
que vão achar disso? o olhar de espião russo
não flagrar a chuva – dela não ter sido uma palavra bela para você

ⁱ **Ney Ferraz Paiva**, poeta e artista visual. Autor dos livros: Não era suicídio sobre a relva (2000), Nave do Nada (2004), Arrastar um landau debaixo d'água (2015) e das Plaquetes: Eu queria estar com vocês hoje (2012) e Poemas para Max Martins (para ler depois da chuva) (2014). Reside em Belém.